

# **Mulheres assistentes sociais e a militância pelos direitos dos idosos<sup>1</sup>**

Beatrice Cavalcante Limoeiro (CTUR/UFRRJ)

## **RESUMO**

Este trabalho consiste no resultado de uma pesquisa antropológica de doutoramento, que teve como principal objetivo compreender quem são, como atuam e como se formam militantes pelos direitos dos idosos.

Para atingir este objetivo foram escolhidas as trajetórias de vida, discursos, relações, ações e produções das mulheres de mais de 60 anos que compõem a maioria dos participantes no Fórum Permanente da Política Nacional e Estadual do Idoso no Estado do Rio de Janeiro (Fórum PNEIRJ). O citado fórum existe desde 1996 e é um espaço público onde representantes da sociedade civil se encontram para debater sobre os direitos das pessoas idosas.

A metodologia utilizada se baseou na Teoria Ator-Rede (TAR) (LATOUR, 2012), com a proposta de seguir dez mulheres engajadas pela causa dos idosos e traçar suas redes de ações, associações e significados durante os anos de 2016 a 2018. A partir da compreensão de que existem múltiplas possibilidades em relação à velhice e que não é possível referir-se ao fenômeno como sendo homogêneo, as pesquisadas podem apresentar uma forma específica de vivenciá-lo.

As mulheres do Fórum PNEIRJ residem na cidade do Rio de Janeiro, são majoritariamente aposentadas, brancas, de classe média, com nível escolar superior, solteiras, sem filhos e exerceram trabalhos remunerados durante a vida adulta, relacionados às áreas do Serviço Social e Gerontologia. No exercício dessas profissões associadas às características consideradas femininas, elas entram em contato com o tema da velhice e desenvolvem uma sensibilização em relação à causa.

Pode-se dizer que elas são movidas pela oportunidade de promover ajuda e cuidados direcionados aos idosos - que no geral são considerados por elas como vulneráveis e em condições precárias de vida, além de desconhecedores e por vezes desinteressados dos seus direitos -, e/ou pela possibilidade de dar continuidade a uma trajetória de engajamento político, agora pela causa das pessoas idosas. No processo e exercício de suas militâncias, estas mulheres partem da compreensão de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

que as diversas realidades que se apresentam para a velhice e suas necessidades devem ser pensadas através de soluções coletivas, rejeitando propostas e receitas individuais que propagam a alternativa de um envelhecimento bem sucedido mediante a capacidade pessoal de prevenção em relação à saúde, lazer e consumo.

## **PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento; Direitos; Cuidado.**

### **Introdução**

“Nós somos guerreiras de luta. Não vamos desistir dos nossos objetivos” disse, em ocasião da comemoração dos 25 anos da Associação Nacional de Gerontologia – Rio de Janeiro (ANG-RJ), Nise, aposentada de Furnas Centrais Elétricas, 76 anos, presidenta da ANG-RJ e membro do Fórum Permanente da Política Nacional e Estadual do Idoso no Estado do Rio de Janeiro (Fórum PNEIRJ). Nise se referia às dificuldades enfrentadas pelo grupo do qual faz parte para continuar promovendo suas ações. Grupo este que é objeto de investigação desta pesquisa.

O grupo é formado por uma maioria de mulheres com mais de 60 anos, que possuem trajetórias de vida com algumas características em comum que as tornam representantes engajadas da sociedade civil na luta pelos direitos dos idosos. A principal instituição que agrega estas mulheres é o Fórum PNEIRJ.

Fundado em 1996, o Fórum PNEIRJ é um espaço público, onde se encontram representantes da sociedade civil para debater e defender os direitos dos idosos. Elas se propõem a sensibilizar a sociedade, combater formas de discriminação ao idoso, propor leis, ementas, medidas, às três esferas do poder público, promover encontros entre os fóruns municipais e eleger os membros não-governamentais do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa do Rio de Janeiro (CEDEPI).

O CEDEPI, fundado no mesmo ano, é outro importante espaço de luta para as mulheres pesquisadas. Tem caráter público e é “um órgão normativo, consultivo, deliberativo e fiscalizador da Política Estadual da Pessoa Idosa, de composição paritária entre governo e sociedade civil”. É uma instituição que tem por finalidade a garantia e fiscalização de direitos.

A história do Fórum PNEIRJ e do CEDEPI se confundem, embora sejam espaços com diferentes atribuições e funções. A relação entre os dois espaços é perceptível a princípio pelo grupo que frequenta e participa das reuniões organizadas de

ambas instituições. É comum ouvir falas das pesquisadas sobre como elas se revezam nas posições de direção e administração desses dois espaços.

O objetivo principal desta pesquisa foi compreender como atua e como se constrói uma militante pelos direitos dos idosos. Através da análise das trajetórias de vida, discursos, relações, ações e produções das mulheres que compõem o Fórum PNEIRJ, busquei entender quem são, o que fazem e como se configuram as relações de mulheres idosas que defendem causas relacionadas à população idosa no Brasil, e, mais especificamente, no estado e cidade do Rio de Janeiro.

Serafim Fortes Paz (2001) descreve em sua tese como, a partir dos anos 1980, no Brasil começou a ganhar forma um movimento a favor dos direitos dos idosos, motivado por denúncias de violações de direitos, violência e abandono. Para o autor, gerontólogos e demais estudiosos, técnicos e especialistas do envelhecimento, foram os principais atores desse movimento e tiveram papel central na inserção do debate sobre a velhice na cena pública, assumindo um papel de “defensores dos idosos”.

Atualmente muitos destes especialistas que protagonizaram esse movimento podem também ser considerados idosos, representam não mais apenas os “outros” velhos, mas uma categoria social na qual também se incluem e se identificam de alguma forma. Ainda que não possam ser classificados como idosos que vivem em condições precárias e vulneráveis, perfil que se torna alvo desse trabalho de mobilização sobre a velhice como um problema social no Brasil e no mundo.

A criação de fóruns e conselhos está atrelada ao período de redemocratização brasileira na década de 1980 e ao processo de sensibilização da sociedade brasileira para as necessidades e condições específicas dos idosos, conjugando conhecimento gerontológico e luta política de reivindicação de direitos (SIQUEIRA, 2014). Maria da Glória Gohn (2011) sinaliza como fóruns e conselhos fazem parte das novas formas de relações governo-sociedade civil e participação social de forma institucionalizada.

Inspirada pelo exercício sugerido por Bruno Latour (2012), de estudar as transformações ou inovações que se dão através das conexões entre pessoas, grupos e instituições (ou qualquer outro tipo de elemento), seguindo os atores (no caso específico dessa pesquisa, as atrizes, mulheres militantes pelos direitos dos idosos) e traçando uma rede dos seus movimentos, optei por tornar objeto dessa pesquisa essas mulheres militantes pelos direitos dos idosos, que têm como locus principal de ação o Fórum PNEIRJ. Neste sentido, acompanhei desde julho de 2016 até julho de 2018 as reuniões

mensais (toda primeira quarta-feira do mês) do Fórum PNEIRJ em observação participante.

Além das reuniões do Fórum PNEIRJ, acompanhei as pesquisadas em outros espaços e eventos que organizavam, estavam presentes, e faziam parte de alguma forma, como, por exemplo, as reuniões mensais do CEDEPI (toda segunda terça-feira do mês), do Fórum Permanente da Política Municipal do Idoso do Rio de Janeiro (PMI-RJ) (toda segunda quarta-feira do mês), eventos promovidos pela ANG-RJ, dois encontros anuais do Fórum Nacional Permanente da Sociedade Civil pelos Direitos da Pessoa Idosa, e atos públicos.

Seguir essas mulheres durante a pesquisa teve o objetivo de compreender como se expressam, se relacionam e se organizam - deixando que elas mostrassem qual seria a abrangência e o alcance da rede -, bem como “seus papéis, histórias, relatos, bens, paixões, informações” (LATOURET, 2012, p. 259).

No processo de acompanhar as pesquisadas em suas atividades, foram importantes fontes de dados as conversas informais e 14 entrevistas com perguntas abertas e duração de, em média, 1:30h com as pesquisadas (10 entrevistas individuais com mulheres, 1 entrevista em grupo com 4 mulheres e 3 entrevistas individuais com homens); as anotações das descrições e observações de pesquisa no caderno de campo (4 volumes); materiais de divulgação das instituições, eventos e atividades nas quais estão envolvidas estas mulheres; e livros e artigos de autoria de algumas das pesquisadas.

Estudar mulheres que militam pelos direitos dos idosos é uma oportunidade de compreender uma das variadas possibilidades e realidades das velhices vivenciadas no Brasil, levando em consideração a ideia de que não existe o “velho genérico” que muitas vezes é descrito nas produções gerontológicas sobre a velhice ou em documentos oficiais que delimitam e pretendem garantir direitos para essa população.

Analisar o cotidiano e as práticas destas mulheres nas atividades que envolvem essa militância é também pensar a velhice e a mulher fora da ideia da passividade, domesticidade, fragilidade, geralmente associada a ambas nas sociedades ocidentais.

### **Quem são essas mulheres?**

O primeiro objetivo específico da pesquisa foi compreender quem são essas mulheres e quais são as instituições e espaços em que elas circulam. Descrevi e analisei

o perfil das pesquisadas, através de suas histórias de vida e trajetórias pessoais e profissionais, comparando semelhanças e diferenças entre elas. Recuperar essas associações de um tempo passado da vida das pesquisadas foi uma tentativa de compreender quais os caminhos que as levaram a participar do Fórum PNEIRJ (e outras instituições relacionadas) e a se tornarem militantes pelos direitos dos idosos.

O grupo pesquisado é composto por dez mulheres: Joana, Nise, Rosa, Bertha, Anita, Dandara, Simone, Tarsila, Leila e Conceição. Com nomes fictícios inspirados em mulheres notáveis na história do Brasil e do mundo.

Nove dessas dez mulheres são brancas e possuem nível superior completo. Com idades que variam de 66 a 86 anos, seis dessas mulheres nasceram na cidade do Rio de Janeiro. No total das dez mulheres descritas, oito não possuem parceiros conjugais e seis não possuem filhos ou netos. Outro ponto em comum entre essas mulheres é a atuação profissional ao longo de suas vidas adultas, nas áreas do Serviço Social, Psicologia, Pedagogia e Gerontologia.

Tarsila, 77 anos, assistente social aposentada, disse:

“Sempre tive muita autonomia. Muita. Eu não fui dessas pessoas de estar dependendo de alguém. Eu fazia tudo. (...) Eu não queria casar. Eu queria era trabalhar. Doida pra trabalhar, estudar, terminar meu ensino superior. (...) Eu adorava trabalhar. Eu adoro trabalhar, até hoje eu gosto de trabalhar.”

Elas fazem parte de uma geração de mulheres que estão se inserindo no mercado de trabalho formal e provocando modificações no modelo tradicional de família (FONTES; SORJ, 2012). Quando essas mulheres não se casam ou não têm filhos, mas investem em suas carreiras e em suas militâncias políticas, elas rompem com as expectativas sociais de um modelo ideal de mulher ou do que é considerado feminino em suas gerações. (MACCORMACK, 1980; SCOTT, 1989; PEIXOTO, 2001; BOURDIEU, 2014); ao mesmo tempo em que exercem profissões consideradas femininas, em uma lógica de divisão sexual do trabalho e de assimetria entre os sexos na sociedade (ARAÚJO, 2002).

Para Nise, 76 anos, psicóloga e gerontóloga aposentada,

“o segmento idoso é o mais desprotegido. Eu vi que haveria necessidade de pessoas que se engajassem, porque o aumento da população idosa está vindo, né? Então eu via nos palestrantes, que eu participava, todo mundo falando o índice da população idosa, demográfico, né? E aí eu dizia: ‘Gente, eu tenho que ficar no idoso mesmo, porque quem vai cuidar desses idosos?’. Se a gente não for brigar por eles, né?”

Simone, 74 anos, assistente social aposentada disse “Isso vem de família mesmo. Meu pai sempre ajudou todo mundo, minha mãe também. E eu cuidei dos idosos da minha família. Então isso já vem de um longo tempo, sabe? Você vai se aperfeiçoando.”

Foi possível perceber através das falas das pesquisadas, como a noção de vocação para o cuidado se associa as suas atividades de militância, como uma prática de caridade ou a um “cuidar do outro”. Evidenciando que nem sempre se incluem no público idoso que precisa dos seus direitos e benefícios garantidos, embora também se considerem e possam ser consideradas idosas.

Pode-se observar também falas das mulheres pesquisadas que demonstram que a militância foi um elemento presente ao longo de suas vidas. A militância nesses casos não aparece mais tão associada à ideia da filantropia, do “amor ao próximo”, mas a uma continuidade de uma trajetória de lutas por diversas causas que teve início nas suas vidas adultas ou durante o exercício das suas profissões.

Para Leila, 75 anos, assistente social e cientista social aposentada,

“A militância sempre me acompanhou. Essa militância que eu acho que me traz assim... Que traz um vigor para mim, até hoje, né? Então, essa militância no Fórum PNEIRJ, na ANG-RJ, na SBGG, na vida... né? Não se pode separar do profissional. é a trajetória de vida mesmo, né? (...) Nós pegamos a ditadura na época do movimento estudantil. Mas eu acho que... Talvez o que me dê força é a vontade de militar, de ver uma sociedade melhor, mais justa.

### **Quais causas elas defendem?**

Outro objetivo desse trabalho foi compreender quais as causas defendidas pelas mulheres pesquisadas. Foi possível perceber que elas se afastam da ideia de “envelhecimento ativo” pensado e valorizado em termos de prevenção da saúde através de cuidados pessoais e capacidade de consumo e com foco direcionado ao lazer. Para estas mulheres, mais do que destaque midiático, novos produtos e programas sociais voltados para diversão, os idosos necessitam ter conhecimento sobre seus direitos para que possam reivindicá-los, cobrando de seus governantes serviços eficazes e de qualidade.

O protagonismo do idoso para as pesquisadas é pensado em termos de cidadania e respeito, inserindo também neste processo idosos em situação de vulnerabilidade, seja por condição de classe, escolaridade, saúde, etnia, região, dentre outros. É com esta

preocupação que as mulheres engajadas nas causas dos idosos adotam suas pautas de luta, que são pensadas e propagadas em um sentido humanitário e coletivo.

Para Rosa, 73 anos, assistente social aposentada,

“Agora está muito em moda falar em envelhecimento ativo. Envelhecimento ativo para nós do Fórum PNEIRJ e do CEDEPI é participar em espaços de conselhos e de fóruns, entendeu? Não é ficar fazendo dança, não é ficar no bingo, né? Essas coisas. Que a maioria é isso. Festinha, bailinho. Muita gente acha que envelhecimento ativo é isso. A gente acha que não, que envelhecimento ativo é ele ser o protagonista realmente. O nosso trabalho é todo nesse sentido.”

Quando lutam para garantir que instituições como o Fórum PNEIRJ, a ANG-RJ e o CEDEPI continuem existindo, essas mulheres estão lutando pela existência de espaços onde a população idosa possa atuar politicamente e reivindicar direitos, ambientes que sejam lócus de mobilização e mediadores entre idosos e autoridades governamentais. Nesse caso, as pesquisadas se incluem dentre os idosos citados, portanto podemos entender que suas ações visam também sua própria sobrevivência enquanto cidadãs politicamente participativas e seu próprio direito de existir.

Rosa, ao falar sobre as dificuldades enfrentadas no CEDEPI, disse

“Se ninguém falar nada, o CEDEPI desaparece. Nós continuamos por teimosia. A situação política não está boa para a gente de direitos humanos e movimentos sociais. (...) A gente está levando com muita dificuldade, não fechou porque a sociedade civil está segurando. Quem dá quórum é a sociedade civil. A gente está fazendo as reuniões e o pessoal do governo não vai. Mas a gente não deixa de marcar as nossas atividades.”

Outro exemplo de luta das pesquisadas envolve a sobrevivência do Abrigo Cristo Redentor<sup>2</sup> e a tentativa de impedir a Reforma da Previdência Social. Nestes casos as pesquisadas se ocupam da velhice pobre, fragilizada, que não é considerada ativa, nem saudável, que não é modelo individual de velhice bem sucedida. Manifestam uma preocupação mais coletiva, do que individual, pela garantia da prestação de serviços públicos de qualidade para a população idosa. Se afastam da ideia de envelhecimento

---

<sup>2</sup> O Abrigo Cristo Redentor é uma instituição de longa permanência (ILP) pública para idosos fundada na década de 1930, que hoje abriga cerca de 300 idosos. Com um espaço de cerca de 176 mil metros quadrados e localizado em um bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, o abrigo já teve alguns episódios de crise financeira, risco de fechamento e já mudou diversas vezes de instâncias de administração governamental (federal, estadual e municipal).

ativo privado, que só pode ser vivenciado por alguns idosos em condição econômica privilegiada.

Em reunião do Fórum PNEIRJ, Celso, parceiro das mulheres pesquisadas, disse:

“Temos que salvar esse abrigo. Até se tiver que voltar para a prefeitura. Levar um projeto, senão vai acabar. O que é preciso para cuidar do idoso? O idoso não quer escolinha disso ou daquilo, quer bem estar de vida, dignidade, bom tratamento físico, social e psicológico.”

Através do Fórum PNEIRJ, do CEDEPI e da ANG-RJ, as pesquisadas se reúnem, promovem e participam de eventos nacionais e internacionais, palestras, encontros com fóruns de outros estados brasileiros, organizam passeatas, atos públicos, fazem contatos, cobranças e participam de audiências públicas com parlamentares da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), para reivindicar os direitos dos idosos.

As estratégias de ação e formas de luta desenvolvidas e traçadas pelas mulheres do Fórum PNEIRJ não se executam sem críticas e estabelecimento de conflitos no grupo sobre suas possíveis contradições. No cotidiano de trabalho desta coletividade estão presentes diferentes concepções sobre o papel que devem desempenhar através do Fórum PNEIRJ.

Não é incomum ouvir das mulheres do Fórum PNEIRJ falas que demonstram desânimo e uma sensação de que os projetos não caminham e que suas pautas não são atendidas. Quando perguntada em entrevista se achava que os objetivos do grupo estavam sendo alcançados, Nise respondeu: “Infelizmente não. Infelizmente todos esses anos que eu estou aqui muito pouca coisa foi alcançada.” Rosa considera que os objetivos geralmente são alcançados “a longo prazo. A médio prazo e a curto prazo não.” Diante da pouca ou nenhuma resolução dos problemas que são apresentados pelo grupo pesquisado, seria possível questionar: por que permanecer atuando através de espaços e mecanismos que não possibilitam o efeito desejado?

O que se pode compreender é que não é (ou não é apenas) o sucesso do atendimento às pautas ou a eficácia das ações que mantém as mulheres reunidas em prol da mesma causa. Outros fatores podem ser levados em consideração para explicar a formação do grupo, como: a memória de um passado considerado mais bem sucedido, sobrevivência dos espaços institucionais das associações, fóruns e conselhos como referências de atuação, a noção de vocação para a realização de trabalhos filantrópicos



ou que provoquem benefícios para populações consideradas carentes, a convivência e troca de experiências entre as pesquisadas e também a militância pelos direitos dos idosos como parte de um projeto de vida e velhice das mulheres da pesquisa.

Nise disse: “Nós todas vamos envelhecer, graças a Deus! E vamos envelhecer bem, pois nunca deixamos de lutar e de sermos reconhecidas. (...) Não ganhamos nada, ainda gastamos do nosso bolso. Mas, importante é lutar por nossos direitos”.

### **O que pensam sobre a população idosa?**

Enquanto as mulheres militantes pelos direitos dos idosos são residentes na cidade do Rio de Janeiro, em sua maioria brancas, solteiras, de classe média, com nível superior; os idosos brasileiros são em sua maioria: mulheres, brancas e pardas, casadas, ganham até 2 salários mínimos, estudaram até o Ensino Fundamental, e não tem conhecimento formal sobre os seus direitos.

Foi possível compreender que há entre as delegadas do Fórum PNEIRJ uma ideia de que as pessoas com mais de 60 anos no Brasil são caracterizadas por serem vítimas de uma série de mazelas que as assolam: pobreza, abandono, falta de acesso à educação formal, entre outras. Ao mesmo tempo, se faz presente em fóruns e conselhos de idosos a noção de que estes devem se emancipar de sua condição de vítimas para se tornarem sujeitos empoderados e protagonistas pela luta por seus direitos.

A partir dessa concepção, as pesquisadas tomam como missão a “pedagogização do ativismo”, informando e divulgando como as idosas e idosos devem se comportar e quais interesses devem cultivar para que tenham um envelhecimento participativo publicamente. As tentativas de persuasão estão presentes em suas estratégias de luta, como na promoção de eventos abertos, palestras, organização de atos públicos, distribuição e divulgação de exemplares do Estatuto do Idoso, por exemplo.

Conforme contou Rosa:

“É importante a gente fazer com que o idoso conheça o Estatuto do Idoso, porque muitas vezes eles não conhecem o Estatuto do Idoso e os seus direitos como cidadão. E é nosso papel também estimular os idosos a participarem desses espaços, como o Fórum PNEIRJ e o CEDEPI, né? (...) Eu dei um Estatuto do Idoso para minha mãe, quando ela ainda era viva. E ela usava aquilo como uma arma! ‘Agora eu tenho o Estatuto na mão! Olha aqui, minha filha me deu!’ Para ela, aquilo era uma coisa maravilhosa. Era uma arma que ela tinha contra qualquer pessoa que quisesse desrespeitar.”

Simultaneamente ao trabalho de convencimento e às tentativas de ganhar novos adeptos ao movimento, há um descrédito de que as pessoas idosas se tornem efetivamente aquilo que elas acreditam que deveriam ser. Pois entendem que há um desconhecimento sobre seus direitos e/ou não se interessam pelos assuntos políticos.

Para Rosa o principal objetivo de sua militância

“É justamente convencer o idoso a participar. Aquela participação dele não tem. Agora se for chamar para um baile aparece muita gente. (...) Em certa ocasião fizemos um ato público na passarela de Duque de Caxias (RJ). Aí, tinha uma porção de idosos jogando dama e jogando baralho e nós fomos lá conversar com eles. ‘Não interessa, não quero saber. Não sei, não quero...’, eles disseram. Eles estavam ligados no jogo. Então quer dizer, o cara não está nem aí. E ainda ficou com a cara aborrecida para gente, porque a gente falou ‘para um minutinho o jogo.’ ‘Não, não posso parar, não.’ Não gostaram. Então você vê, muitos políticos se aproveitam disso para utilizar eles para pedir votos, né? É feito de ‘massa de manobra’.”

Como consequência do malogro em conquistar engajamentos de idosos e de outros segmentos da população, o movimento tem como fragilidade a pouca representatividade das variedades de realidades vividas por pessoas idosas e o esvaziamento dos seus espaços, deixando em aberto a pergunta: quem vai militar pelos direitos dos idosos no futuro?

Tarsila, expressou essa preocupação

“Praticamente não tem mais ninguém para fazer. Essa que é a verdade. Você está pegando uma ANG-RJ que não foi a ANG-RJ que eu peguei. Tinha muito mais gente, muito mais movimento e atividade. Eu vou fazer 78 anos. Mas eu penso muito... já estou no meio do caminho, né? Quem vai fazer esse trabalho, vai ter esse engajamento daqui pra frente?”

### **Qual o papel de mulheres e homens na militância pelos direitos dos idosos?**

Os dados dessa pesquisa fazem refletir sobre a expressiva presença de mulheres no grupo pesquisado: se há uma subrepresentação feminina em outras arenas políticas, que elementos estão presentes nessa rede de associações que possibilitam o protagonismo de mulheres no Fórum PNEIRJ e CEDEPI?

Ainda que o grupo conte com a participação de alguns homens, o nível de inserção deles pode ser questionado. A maioria dos homens do grupo fazem parte mas com considerável distanciamento. Pode-se dizer que eles estão “de visita”, para contribuir, mas não de maneira tão comprometida quanto as mulheres.

Essa pesquisa mostrou que os homens não se consideram completamente inseridos e/ou mobilizados pela luta em busca dos direitos das pessoas idosas. Enquanto eles se aproximam mais de suas associações profissionais<sup>3</sup>, elas possuem trajetórias e socializações diferentes, que as levam ao interesse pela discussão do envelhecimento, sensibilização com as necessidades da população de mais de 60 anos e vontade de reivindicar garantias e benefícios coletivos aos mesmos. Enquanto os homens não consideraram a causa dos idosos central para suas militâncias, as mulheres acreditam que os homens não são tão ativos ou engajados quanto elas.

Para Conceição, 71 anos, professora aposentada,

“A mulher é mais ativa. Então, a mulher envelhece com mais dignidade do que o homem. E eu tenho mais homens abrigados do que mulheres na instituição asilar de caridade que coordeno. Aí, você vai no Fórum PNEIRJ, tem mais mulher. Lá as mulheres que são ativas, né? Você vai nos fóruns de idosos: vamos botar aí uma média de quatorze pessoas, vão dez mulheres e quatro homens. Então, eles são mais desanimados para isso aí. A mulher é mais engajada. É muito mais! O homem... tem uns que lutam mesmo pela causa, tá? Mas são poucos. Eles não abraçam a causa, não. Você convida para uma reunião, não vai. Acha que já conhece aquilo, né? Então, as mulheres lutam mais. As mulheres passaram na frente dos homens, pelo comodismo deles.”

As mulheres associam militância às profissões que exerceram, ou à caridade, filantropia, ao cuidado e oportunidade de ajudar ao próximo. “Abraçam a causa”, fazem disso um projeto de vida e velhice, lutando tendo como objetivo o reconhecimento da velhice como uma etapa digna e significativa da vida.

### **Considerações Finais**

Não existem modelos prontos ou “pré-fabricados” de velhice, nem de juventude, infância ou vida adulta (ALVES; LINS DE BARROS, 2012). Levando em consideração que podem existir muitas maneiras diferentes de vivenciar o envelhecimento e de estabelecer relações após os 60 anos de idade, é possível trazer alguns questionamentos para encerrar essa apresentação. São eles: Quais as possibilidades de vida e trajetória para uma mulher idosa? Quem ela pode ser e o que pode realizar?

O principal objetivo dessa pesquisa foi apresentar uma maneira possível de velhice através das histórias de vida, atuações, relações e discursos das mulheres que

---

<sup>3</sup>Cujas preocupações e pautas estão mais relacionadas à lutas sindicais e direitos trabalhistas, por exemplo.

militam pelos direitos dos idosos. O que podemos aprender com elas? (INGOLD, 2019). Esse objetivo foi perseguido através de um exercício de reunião e composição do “mundo comum” das pesquisadas (LATOURE, 2012).

Este trabalho foi uma experiência de compreender como se formam e atuam militantes pelos direitos das pessoas idosas. Quais caminhos e associações foram necessárias para que as pesquisadas se reunissem no Fórum PNEIRJ e se tornassem pessoas engajadas na luta pela garantia de condições básicas e benefícios para os idosos? Ou, nas palavras de Rosa: “Por que essas mulheres malucas largam tudo, largam casa, família, não ganham nada e estão aqui militando?”

É possível dizer que nesta “doação ao outro” - aos idosos que precisam que seus direitos sejam garantidos - as pesquisadas desenvolveram também uma realização pessoal, por exercerem atividades que são significativas para elas. Os possíveis resultados do engajamento pela reivindicação de direitos aos idosos são vivenciados também por elas. Ou, nas palavras de Leila: “Eu acho que a militância me ajuda e ajuda o outro.” E nas de Nise: “Toda essa atividade em prol do outro fez a minha vida ficar maior.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Andréa Moraes; LINS DE BARROS, Myriam Moraes. **Aprender com as velhices**. Comunicações do ISER. As máscaras da intolerância, número 66, ano 31, 2012. p. 31-38.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. “Apresentação”. **Cadernos pagu: Dossiê Gênero no trabalho** (17-18), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2002, pp.131-138.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

FONTES, Adriana; SORJ, Bila. “O *care* como um regime estratificado: implicações de gênero e classe social”. In: GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena. (Org.). **Cuidado e Cuidadoras. As várias faces do trabalho do Care**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2012. p. 103-116.

GOHN, Maria da Glória. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. São Paulo: Cortez, 2011.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

MACCORMACK, Carol. "Nature, culture and gender: a critique", In: MACCORMACK, Carol & STRATHERN, Marilyn. **Nature, culture and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

PAZ, Serafim Fortes. **Dramas, cenas e tramas: a (situa)ção de Fóruns e Conselhos de Idosos no Rio de Janeiro**. Campinas: UNICAMP, 2001. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2001. 761p.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. "Trajetórias de mulheres de mais de 60 anos: um estudo sobre envelhecimento feminino." In: GOLDMAN, Sara Nigri; PAZ, Serafim Fortes. **Cabelos de Neon**. Niterói, RJ: Talento Brasileiro, 2001. p. 153-165.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press. 1989.

SIQUEIRA, Monalisa Dias. **"Vivendo bem até mais que 100!": envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Tese (Doutorado) - Programa em Pós-Graduação em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. 214p.